

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 86

Data: 10 de setembro de 1983

Pg.: _____

Lucio Flavio Pinto

4468 Ludwig venderá último projeto

O milionário norte-americano Daniel Ludwig vai desfazer-se do último empreendimento que ainda lhe pertencia no Jari. Segundo informações de fontes seguras, até o final do mês ele deverá vender a São Raimundo Agroindustrial, responsável pelo arrozal instalado na várzea entre os rios Arariolos e Amazonas. Como já havia feito com os projetos de celulose e caulim, Ludwig transferirá a São Raimundo para o consórcio de 22 empresas nacionais, à frente o Grupo Antunes, que constituíram a Companhia do Jari.

Os detalhes da transação ainda estão sendo mantidos em sigilo, mas sabe-se que a Companhia do Jari exercerá a opção de preferência para compra assinada com Ludwig. Os procuradores do milionário tentaram atrair outros compradores, mas não tiveram sucesso. Um dos principais entraves a um negócio com outros grupos era a situação dominial das terras nas quais foi plantado o arroz. No ano passado, quando foi vendida a Jari Florestal e Agropecuária, as terras do arrozal, sob o controle da São Raimundo, foram transferidas para os novos donos. Não restou outra alternativa para a última empresa remanescente do projetado império de Ludwig senão arrendar as terras à Companhia do Jari. Por isso, não tinha o domínio integral da área e a posse, em caráter precário, assustou os eventuais pretendentes. Sobrou o próprio consórcio liderado por Augusto Trajano de Azevedo Antunes.

Desiludido com os rumos dos seus negócios amazônicos, Daniel Ludwig estaria disposto a abrir mão dos créditos a que tem direito no projeto de arroz. Só em São Raimundo ele investiu 52 milhões de dólares, mas o dinheiro foi transferido pela Universe Tankships, a "holding" do grupo, na forma de empréstimos, prática comum em seus empreendimentos.

O pesado endividamento, os erros técnicos e os gastos excessivos praticamente inviabilizaram o projeto. Dos 14 mil hectares projetados, o plantio não chegou a cinco mil. Até 1981 a São Raimundo apresentou resultado operacional negativo, mas Ludwig, vendendo o Jari, deixou de remeter dinheiro de Nova Iorque e interviu diretamente no projeto. Em 1982 a empresa deu lucro, mas não o suficiente para amortizar os empréstimos e pagar a infra-estrutura, superdimensionada. Neste ano, deverá faturar 15 milhões de dólares e deixar um saldo

de US\$ 1,5 milhão, ainda assim não apagando o vermelho acumulado nas suas contas.

Mas Ludwig, segundo as fontes, estaria propenso a renunciar aos direitos da Universe para permitir que a Companhia do Jari receba um projeto operacionalmente equilibrado, embora ainda distante das metas de estabilização econômica. Antes da transferência, a São Raimundo deverá também apresentar um mandado de segurança contra o Estado do Pará a fim de não pagar mais de 300 milhões de cruzeiros de ICM que o governo está cobrando, juntamente com as multas. O Conselho de Recursos Fiscais da Secretaria da Fazenda já condenou a empresa, que vai agora à justiça. Perder criaria uma ameaça para o futuro: a própria Companhia do Jari poderá ter que pagar até três bilhões de cruzeiros se a tese do Governo do Estado (de que ao transportar madeira da floresta para a fábrica de celulose gera o fato fiscal) prevalecer. A Jari será então a maior devedora de ICM de toda a história do Pará.

Mesmo com essa perspectiva, os sócios da Companhia do Jari poderão herdar o arrozal de São Raimundo em condições excepcionais se realmente Ludwig perdoar a dívida. Visto com grande simpatia e esperança por ter optado pela várzea, esquecida em todos os grandes projetos, o empreendimento acabou acumulando erros e distorções que o tornaram quase insustentável. Daniel Ludwig concebeu-o, como aos demais projetos do Jari, à base de pesados empréstimos, combinados com uma infra-estrutura ao mesmo tempo sofisticada e inadequada para as condições da região. A elevação dos juros internacionais, a incapacidade para a ampliação dos plantios, a queda de preços e os enormes custos indiretos feriram de morte a idéia de retirar da várzea arroz para suprir mercados internacionais.

Alguns desses equívocos começaram a ser corrigidos ainda sob a administração Ludwig, embora os responsáveis pelo projeto relutassem em admitir que as falhas, como em todo o Projeto Jari, resultavam de desvios tipicamente colonialistas: Ludwig chegou ao vale com a "caixa preta" e foi tocando seus empreendimentos sob completa indiferença às condições especificamente locais. Muitos técnicos tiveram sensibilidade para perceber as lições que a natureza lhes oferecia, mas só puderam colocá-las em prática, quando isso foi possível, com a máquina em andamento.

O projeto do arroz expressa a mentalidade auto-suficiente dos técnicos (e do "dono") que chegaram à Amazônia com as verdades estabelecidas. Elas foram perdendo consistência, esfrangalharam-se e, agora, precisam ser construídas novamente, com material de qualidade. O trabalho foi iniciado, às vezes muito timidamente. Agora que vai começar um novo capítulo, valerá à pena passar em revista a história e tentar corrigir o que ainda vem pela frente. Se o novo grupo tiver disposição e competência para isso,